



CRISTO, SÃO FRANCISCO E O SIGNIFICADO DO SOFRIMENTO EM NOSSO MUNDO MODERNO

Caríssimos Irmãos e Irmãs da Ordem Terceira Regular,

O ano da memória do Centenário Franciscano de Greccio e da Regra será encerrado com a celebração do Período do Natal, no próximo mês de dezembro. O tema tem sido "**Tu és Alegria**" e esperamos que o ano tenha sido para vocês um ano de alegria e um ano em que vocês se esforçaram para levar a alegria aos outros na jornada da vida.

Ao iniciarmos o Centenário Franciscano, em 2024, em memória dos Estigmas de São Francisco, refletimos sobre **Cristo, São Francisco e o Significado do Sofrimento em nosso Mundo Moderno**, que é o tema desta edição do **Propositum**. O tema proposto pela Comissão do Centenário Franciscano para o ano é "**Tu és Amor**" com a Dimensão Teológica dada como "*A Cruz Franciscana como expressão e modelo do amor livre e gratuito do Deus e Trino*"; a Dimensão Antropológica como "*Chegar a conhecer, aceitar e integrar nossos limites pessoais e institucionais*", a Dimensão Eclesiológica como "*Identificação e personalização do mistério de vida, da morte e da ressurreição de Jesus*" e a Dimensão Sociológica como "*Solidariedade com os crucificados e excluídos do nosso mundo*".

Irmã Ilia Delio OSF, Padre Paolo Nicolosi, SA e o Dr. Carlos Eduardo Cardozo compartilham neste **Propositum** o modo como eles imaginam o sofrimento, hoje, na ótica de São Francisco e de Cristo. Ao ler e refletir sobre esses artigos, nas próximas semanas, convidamos vocês a refletir pessoalmente sobre sua própria experiência de sofrimento ou sobre como o mundo experimenta o sofrimento e a submeter suas reflexões à análise para a próxima edição do **Propositum**.

Lembrando que o sofrimento de Cristo e de São Francisco culminou com uma mensagem de esperança na vida nova e na ressurreição, enfrentemos este ano na memória dos Estigmas que celebram o Amor de Deus por nós e por todo o mundo.

Paz e todo o Bem agora e em todos os tempos!

Irmã Frances Marie Duncan, Presidente IFC-TOR
Irmã Daisy Kalamparamban, Vice-Presidente
Irmã Beatriz Vásquez Mayta, Conselheira
Irmã Maria Luisa García Casamián, Conselheira
Irmã Rute Almeida Guimarães, Conselheira
P. Brian Terry, Conselheiro

SOFRIMENTO E AMOR: O CAMINHO FRANCISCANO RUMO A DEUS

Irmã Ilia Delio

OSF, PhD, irmã franciscana de Washington, DC e teóloga americana especializada na área de ciência e religião

Original: Inglês



O Primado do Amor

Francisco de Assis tinha um só desejo ardente: seguir os rastros de Cristo crucificado. No início da sua conversão, a Cruz de Cristo falou-lhe interiormente e ele “sentiu uma misteriosa mudança em si mesmo” (2 Cel 6, 593). Foi tocado tão profundamente pelo amor compassivo de Deus que muitas vezes chorava desesperadamente sobre a paixão de Cristo, "como se a tivesse constantemente diante de seus olhos" (2 Cel 6, 594). No final de sua vida, Francisco havia interiorizado a cruz de Jesus Cristo a tal ponto que o amor compassivo havia forjado nele os semblantes humanos do Crucificado, mostrados nas Estigmas. O amor havia guiado toda a sua vida e, no final de sua existência, ele tornou-se como aquele que amava. Sua semelhança com o Cristo crucificado era tão profunda que quando morreu seus discípulos viram em Francisco um outro Cristo, "porque parecia realmente (...) que Cristo e São Francisco fossem uma só pessoa" (2 Cel 165, 814). Clara de Assis percebeu a importância da centralidade de Cristo crucificado na vida de Francisco e falou da cruz como espelho da nossa verdadeira identidade. "Olha cada dia este espelho", escreveu para Inês de Praga, "assim que tu possas adornar-te toda, dentro e fora...com todas as virtudes" (4 LA 15). Com base no carisma de Francisco, Clara compreendeu que o corpo de Cristo nasce em nossos corpos quando nossas mentes e nossos corações estão plenamente unidos ao amor incondicional de Deus.

Francisco e Clara tinham um coração unificado e seu espírito estava centrado no amor altruísta e compassivo de Deus. Para eles, o amor indômito de Deus é a nossa realidade mais profunda. O amor e não o pecado é a razão principal da encarnação, isso torna a matéria não decaída e pecaminosa, mas rica em potencialidade para a vida divina. Deus entra no ser fraco

e frágil e sofre através dos limites da matéria para crescer a vida. Conhecer Deus significa, portanto, experimentar a realidade concreta em toda a sua desordem, dor, maravilha e beleza. Tomás de Celano soube colher bem a profundidade sagrada da matéria na vida de Francisco quando escreveu:

Até pelos vermes ele sentia um grandíssimo afeto, porque a Escritura disse do Senhor: “*Eu sou verme e não homem*”, por isso ele cuidava de tirá-los do caminho e coloca-los num lugar seguro, para que não fossem esmagados pelos viandantes... E o que dizer das outras criaturas?... acontecia-lhe de passar um dia inteiro louvando-as (1 Cel 29, 80).

Francisco foi capturado pelo mistério da encarnação. Três anos antes de sua morte, ele celebrou o nascimento de Jesus em Greccio de uma forma que simbolizava a divindade da criação e a singularidade do amor de Deus. "Deus não veio sob forma de ideia, mensagem ou pensamento", escreveu Margaret Pirkel, "Deus veio sob forma de criança, uma criança particular num lugar particular, num tempo particular, e Deus o abraça".¹ Francisco vê a vida de Jesus, desde o nascimento até à morte, como um único movimento de amor encarnado: “Mas eram sobretudo a humildade da Encarnação e a caridade da Paixão que ele tinha imprimidas tão profundamente em sua memória que dificilmente conseguia pensar em outra coisa” (1 Cel 30, 84).

Os teólogos franciscanos desenvolveram a ideia do amor e o consideraram como a realidade mais profunda, desde o início de cada vida até seu cumprimento final. Boaventura aprofundou a relação consubstancial entre a Trindade e Cristo e compreendeu que se a doutrina do ser permanece aberta ao mistério de Cristo, o amor se revela como a verdadeira natureza da realidade criada. O amor não é o que Deus faz; o amor é o que Deus é. O amor é a identidade de Deus. Deus é amor e com este amor ama o mundo. A vocação humana é a de amar, por nossa vez, a Deus.

Duns Escoto compreendeu a centralidade do amor na vida de Francisco e desenvolveu uma metafísica do amor. Nossa existência *não* está enraizada num conceito universal abstrato do Ser divino, como argumentava Tomás de Aquino; ao contrário, cada existência é amada de modo único. Esta é a noção de Escoto de *haecceitas* ou princípio de individuação de Escoto. Tudo o que existe tem uma "ecceidade" particular. O amor divino manifesta-se em *este modo* particular; *esta* pessoa ou folha ou árvore fala de Deus de modo eternamente único e não pode ser reduzida a um objeto ou substituída por outra pessoa, outra folha ou outra árvore. Não existe um bem comum abstrato ou universal, mas antes o bem concreto e particular de cada pessoa que manifesta Deus de maneira única, sendo o que é. Cada ser singular reflete a

¹ Margaret Pirkel, "Christ, The Inspiration and Center of Life with God and Creation" em *Resource Manuel for the Study Franciscan Christology*, editado por Kathleen Moffatt, OSF e Christa Maria Thompson, OSF (Washington, DC: Federação Franciscana, TOR, 1998), 264.

singularidade do amor divino, um fractal da luz divina. A metafísica franciscana do amor está no centro de uma visão ecológico-integral do mundo.

Amor e sofrimento

Se o amor é a nossa realidade mais profunda, então por que sofremos? Francisco entendeu o papel do sofrimento como esforço criativo rumo a um amor mais profundo. Deus é a fonte do amor no coração da vida criada; no entanto, os seres humanos devem ser interiormente livres para responder com amor ao amor. Neste sentido, a pobreza ou o viver *sine proprio* é fundamental. Tendemos a agarrar e a nos apegar às coisas que nos impedem de experimentar o amor de Deus de em modos novos. O pecado é a resistência ao amor, a recusa de fazer parte do amor indômito de Deus. Francisco tinha uma consciência profunda do pecado e esforçava-se para viver como um pobre, aceitando o sofrimento como uma oportunidade de crescimento. O sofrimento é um sinal da incompletude da vida, das forças de resistência que tentarão impedir à vida sua potencialidade de plenitude. Estar abertos ao sofrimento significa estar abertos ao fluxo da vida, viver na liberdade do Espírito e ver com olhos novos para poder abrir-nos mais profundamente a Deus. A maneira com a qual aceitamos o sofrimento como parte da aventura criativa de Deus no amor (em vez que no juízo ou no castigo), influi em nossas escolhas e em nossas ações.

Num ensaio sobre criação e a *kenosis*, o filósofo ambientalista Holmes Rolston afirma que o sofrimento e a morte tornam possível toda a vida. Em toda a natureza há uma luta pela sobrevivência e, no entanto, há uma capacidade de evoluir apesar do sofrimento e da morte. A vida está sempre em busca de mais vida, como escreve Rolston:

Todo este andamento ascendente da evolução é um chamado no qual a vida renovada chega destruindo a velha. A vida está recolhida em meio a suas proezas, uma tragédia abençoada, vivida na graça através da tempestade... A criação cruciforme é, em suma, deiforme, divina, exatamente graças a este elemento de luta e não já apesar dele. Há um grande "sim" divino escondido atrás e dentro de cada "não" da natureza destrutiva... Muito antes da chegada do homem, o caminho da natureza era já uma *via dolorosa*. Neste sentido, a aura da cruz é projetada para trás ao longo de toda a história global e traceja para sempre o futuro.²

² Holmes Rolston, III, "Kenosis and Nature", em *The Work of Love: Cratation as Kenosis*, ed. John Polkinghorne (Grand Rapids, MI: William B. Eerdmans, 2001), 59-60.

Rolston evidencia que na natureza o sofrimento não é absurdo, mas é, ao contrário, a chave de todo o processo de transformação da natureza. O sofrimento torna a natureza selvagem e imprevisível; no entanto, desta natureza selvagem da vida nasce uma beleza surpreendente e uma nova criação. Toda a ascensão evolutiva é uma *via dolorosa*, um percurso de sofrimento que convida a um amor maior num mundo que busca reencontrar em Deus sua unidade. Ele escreve: "Nas criaturas de carne e sangue, cada um é um sacrifício de sangue que morre para que outros possam viver... Em suas vidas, belas, trágicas e perenemente incompletas, falam por conta de Deus; profetizam ao participarem do *pathos* divino. Compartilham o trabalho da divindade" (Rolston, 57). O sofrimento e o sacrifício pertencem a um mundo fundado no amor.

Deus sofre?

Estamos conscientes de nossos sofrimentos pessoais, bem como dos sofrimentos do mundo, mas Deus sofre? Na Igreja antiga era uma heresia admitir que Deus sofre, porque Deus é o ser divino e a perfeição divina não pode estar sujeita a nada de imperfeito. No entanto, no século XX, marcado por guerras trágicas e violências, os teólogos começaram a repensar o sofrimento de Deus. O teólogo luterano Jürgen Moltmann escreveu que no mistério da cruz encontramos Deus profundamente imerso no sofrimento do mundo. A cruz indica um Deus radicalmente apaixonado pelo mundo e este amor traz consigo o sacrifício extremo do Filho de Deus para o mundo. O amor é a Divindade de Deus, por isso a cruz é a declaração mais reveladora de Deus.³ A *potência* do Amor divino manifesta-se na *impotência* da cruz. Nas palavras do Cardeal Walter Kasper: "Deus não precisa se despojar de sua onipotência para revelar seu amor... Só um amor onipotente pode doar-se inteiramente ao outro e ser um amor impotente".⁴



Enquanto Deus não pode sofrer *ex-carentia*, pois Ele não pode perder o que pertence à sua natureza, Deus sofre *ex abundantia*: devido à plenitude divina Deus sofre por amor a nós. Deus

³ Jürgen Moltmann, *The Crucified God: The Cross of Christ as the Criticism of Christian Theology*, trad. R. A. Wilson e John Bowden (Nova York: Fortress Press, 1993), p. 205.

⁴ Walter Kasper, *The God of Jesus Christ* (Nova York: Continuum, 1999), 194-95.

compartilha nossa dor e carrega nossos fardos pela divina plenitude do amor. Deus potencializa o mundo através do sofrimento do amor. É por isso que "não há sofrimento que não seja sofrimento de Deus; não há morte que não tenha sido morte de Deus na história sobre o Gólgota".⁵ Esta liberdade no amor se manifesta no modo como Jesus escolheu livremente e ativamente a morte frente ao mal, como ação de resistência e não como vítima passiva. E não é Deus que exigiu uma morte sacrificial. Jesus morreu pelo modo como viveu, pelo modelo de fidelidade e compromisso de sua vida e pela sua mensagem libertadora. A morte de Deus em Jesus é a revelação do amor divino, incompreensível na sua presença e potência e, no entanto, esperança e fonte do devir do mundo.

O Cristo crucificado é o símbolo da abertura do mundo ao seu completamento em Deus. Deus sofre na criação e com a criação, para não nos deixar sofrer sozinhos. O sofrimento é uma porta através da qual Deus pode entrar e nos amar em nossa fraqueza humana, em nossa miséria e solidão. Assim como nós sofremos a perda, Deus também experimenta a perda conosco; no entanto, Deus é amor incondicional e permanece sempre fiel no amor. Esta presença compassiva e amorosa de Deus é a nossa força para uma nova vida, uma força que se atualiza no amor através da nossa resposta pessoal consciente, o dom de todo coração da nossa vida. Como proclamou Francisco: "E muito deve-se amar o amor daquele que muito nos amou" (*Leg. Maj.* 9, 1). O amor de Deus tocou interiormente Francisco em profundidade e ele respondeu exteriormente na liberdade; assim nós também devemos fazer o mesmo.

Nossa cultura contemporânea nega o sofrimento e o trata como um absurdo, uma aberração da vida. Hoje, alguns criadores de inteligência artificial querem erradicar o sofrimento criando humanoides. Aliviar o sofrimento devido a doenças ou distúrbios pode ser benéfico, mas a inteligência artificial tem também a capacidade de eliminar a potencialidade do sofrimento que nos permite de caminhar criativamente rumo a um amor mais profundo. As fendas de nossas vidas frágeis são convites a superar nossos amores controlados e aprender criativamente a amar de maneiras novas e mais profundas. O sofrimento pode abrir nossos olhos para ver o que de outra forma é invisível e para amar o que o mundo vê como não amável. Se a vida é reduzida a algoritmos e o sofrimento é controlado por dispositivos, então eliminamos a espontaneidade da vida e a infinita capacidade de amar de maneiras inesperadas. Um mundo dominado pela inteligência artificial "no qual todas as contingências são eliminadas é também um planeta dominado pelo mal incontrolado".⁶ A fecundidade da

⁵ Moltmann, *Crucified God*, 246.

⁶ Alfred Kracher, "The Diversity of Environments: Nature and Technology as Competing Myths", em *Creation's Diversity: Voices of Theology and Science*, ed. Willem B. Drees e outros (Londres: T&T Clark, 2008), 84.

natureza requer espontaneidade e imprevisibilidade; é a contingência que faz do mundo o que ele é: um lugar de estupor, maravilha e surpresa.⁷ A natureza está ligada ao amor indômito e *kenótico* de Deus.

Amor e Liberdade

A liberdade de amar em meio ao sofrimento é uma questão de fé. Cremos na encarnação como a potência do amor de Deus dentro e fora de nós? Francisco acreditava com todo o coração no mistério de Cristo. O seu *Cântico das Criaturas* começa com o reconhecimento do Altíssimo e termina com o reconhecimento da íntima proximidade de Deus ou, como escreveu Bonaventura, Deus deve ser pensado *altissime et piissime*, altíssimo e intimamente unido a toda a vida criatural. Experimentando esta íntima proximidade, Francisco entregou-se a Deus e confiou no abraço incondicional de Deus, mesmo em meio a seus muitos sofrimentos físicos e à rejeição de seus irmãos. Sofrer com alegria requer uma entrega radical. Dirigindo nossa atenção inteiramente a Deus, nos tornamos uma coisa só com o Filho na unidade com o Pai, e uma coisa só com o Pai em sua entrega do Filho, e assim somos envolvidos pelo fluxo do amor de Deus, pelo sopro do Espírito, com um amor sempre novo, sempre criativo, sempre projetado no futuro. Apesar, portanto, de nossas doenças, nossas perdas, nossas incertezas e nossas ansiedades, vivemos no limiar de uma nova vida, porque vivemos da potência do amor de Deus.

Esta verdade mais profunda do sofrimento pode nos conduzir para além do sentido do próprio sofrimento como auto alienante e auto isolante, rumo a um sofrimento compassivo para os outros e com os outros; ou seja, entregar-se ao poder do amor de Deus dentro de nós nos *guia rumo* ao sofrimento dos outros. A chave do sofrimento criativo é uma consciência profunda da presença oculta de Deus, da glória de Deus que resplandece em nossos corações. Só quando sei que pertenço a outro eu posso compartilhar com os outros *seu* sofrimento. Em vez de evitar meu sofrimento ou ser absorvido em suas garras, posso me tornar uma fonte de amor para os outros em seus sofrimentos e, portanto, cocriar com Deus o futuro do mundo.

O Caminho do Crucificado

No final de seu "Itinerário da alma rumo a Deus", Boaventura escrevia: "Não há outro caminho senão aquele do amor ardente do Crucificado" (*Itin.* 7.6). A cultura contemporânea quer encontrar outro caminho para a vida definitiva sem sofrimento; o caminho franciscano

⁷ Kracher, "The Diversity of Environments", 84.

rumo a Deus passa pelo caminho obscuro e tortuoso do amor sofredor exatamente porque Deus é *kenosis*, ou seja, amor que esvazia a si mesmo. Francisco de Assis sofreu fisicamente, emotivamente e psicologicamente durante toda a sua vida; no entanto, ele sempre acreditou profundamente no amor de Deus e usou as lições do sofrimento para aprender a ver em cada coisa as fendas através das quais brilha a luz divina. Devemos crescer numa liberdade superior de amor compassivo, para sermos parte de um mundo incompleto que busca seu cumprimento em Deus. Amar através do sacrifício e liberar nossa terrível necessidade de controlar nossas vidas nos desafia a debruçar-nos sobre nossos sofrimentos e ver neles oportunidades de crescimento no amor. Resistir ao sacrifício ou ignorar a dor significa suprimir a vitalidade da vida e seu impulso de evoluir, de passar para um plano mais alto de interdependência e de vida interconectada. Quando estamos abatidos e derrotados, tendemos a desistir e a declarar que a vida um fracasso. Mas, se buscarmos dentro de nós, encontraremos a força do amor de Deus que nos desafia a nos levantar e a ver o mundo de uma maneira nova.



CHRIST, FRANCIS AND THE MEANING OF SUFFERANCE IN OUR MODERN WORLD – PERSONAL REFLECTIONS

Bro. Paolo Salvatore Nicosia, SA

*Procuradora Geral da Santa Sé e Directora
das Vocações Europeias e da Formação
dos Frades Franciscanos da Expição*

Original: Italian



Os diferentes tipos de sofrimento que vejo e experimento, diretamente e indiretamente, em contextos micro ou macro do nosso mundo moderno (como, no fundo era no passado e será, muito provavelmente, no futuro) mostram a fragilidade da condição humana, que coexiste numa condição espiritual preciosa, de modo especial enquanto crentes. *Nós temos um tesouro em vasos barro*, como escreve São Paulo aos Coríntios (2Cor 4,7) e acrescenta mais adiante, *por amor a Cristo, quando me sinto fraco é então que sou forte* (2Cor 12,10). Estas observações me fazem rezar, refletir e tentar viver a fragilidade/sofrimento como pilar da vida humana e espiritual, que pode trazer consciência preciosa e cura através e por causa das esperanças e das feridas. Assim como acontece no processo natural do crescimento de uma pérola, que é preciosa e é o resultado de uma ferida da concha.

Devemos admitir que é impossível evitar toda a fragilidade e sofrimento em nossa vida: a diferença está na maneira como as enfrentamos. Para além dos possíveis milagres, Jesus Cristo não nos ajuda a evitar a fragilidade, o sofrimento e a morte, mas nos ajuda a mostrar como vivê-las enquanto espaço precioso para encontrá-lo, para desenvolver a solidariedade para com os outros e crescer em nós mesmos, inclusive na liberdade das respostas, que podem ser diferentes daquelas “normais” em circunstâncias semelhantes. Vários santos, seguindo as pegadas de Jesus, nos mostraram o caminho do amor, apesar e até mesmo através do sofrimento, crescendo numa unidade preciosa com Deus e com os outros, exatamente em situações nas quais as respostas “normais” teriam sido a aniquilação, a divisão e a destruição. Considerando também que a maioria dos santos experimentou a doença, a rejeição, a incompreensão e a perseguição, nós percebemos que eles não foram nem libertados nem curados, pelo menos não em termos materiais (e por serem santos não

podemos duvidar de sua fé). Potencialmente, cada um de nós pode encontrar outros modos para viver o sofrimento, para transformá-lo e até mesmo “utilizá-lo” para uma compreensão e um amor mais profundos nas diferentes dimensões da existência humana e espiritual, e este modo transformativo de viver a fragilidade e o sofrimento podemos encontra-lo também na experiência do fundador de todas as famílias franciscanas, “outro Cristo” São Francisco. Em particular, há dois fatos de sua vida essenciais nesta reflexão pessoal, como ser humano, cristão e irmão franciscano: o abraço aos leprosos, quase no início de seu caminho espiritual, e os Estigmas, quase no fim.

O primeiro fato é fundamental na conversão da vida de Francisco, pois ele tinha pavor



dos leprosos: não só por causa da doença deles, mas porque eles representavam o oposto de seus sonhos de glória. Na época de Francisco, assim como em outras épocas e no caso de doenças contagiosas semelhantes, os doentes como os leprosos eram rejeitados pela sociedade e ostracizados devido a evidentes problemas de saúde pública. Havia também a convicção de que um leproso era alguém castigado por Deus por algum pecado, (sendo tratado como bode expiatório, muito diferente da honra reservada ao cavaleiro que Francisco desejava se tornar). O leproso representava todo tipo de fragilidade e sofrimento: físico, social e espiritual e Francisco fugia disso; psicologicamente poderíamos até imaginar que ele estivesse fugindo do espelho de sua própria fragilidade pois, de fato, ele estava

enfrentando a luta pelo que fazer de sua vida depois de alguns fracassos e sonhos não realizados. Afinal, como sabemos, ele abraçou o leproso e tudo o que este representava: fragilidade, sofrimento, exclusão. Francisco confirma isso indiretamente quando escreve em seu testamento que, até aquele momento, ele estava “no pecado”, ou seja, estava concentrado e dobrado apenas sobre si mesmo. Ao contrário, quando ele se abriu aos outros em dificuldade, o que era amargo tornou-se doce para ele.

Os Estigmas ocorreram no Monte della Verna, em 1224 (praticamente 8 séculos atrás!), quase 20 anos após o encontro com o leproso e apenas dois anos antes da morte de São Francisco, que estava muito doente e sofria muito por causa de várias situações. Em particular, sua família religiosa estava crescendo rapidamente e necessitava de regulamentos (enquanto ele estava satisfeito com o primeiro grupinho, baseado no Evangelho, e com a aprovação informal do Papa). Além disso, a maioria dos frades desejava ou pretendia um estilo de vida diferente: mais estruturas, algumas comodidades, estudos e até mesmo honras. Francisco teve a tentação de se impor enquanto fundador, como pode-se intuir no Testamento, mas no fim deixou a guia da Ordem Franciscana recém constituída, retirou-se da vida fraterna e concentrou-se mais no fundamento espiritual de sua escolha de seguir Jesus, que tantos sequazes havia atraído com ideias diferentes e uma diferente compreensão da própria vida franciscana. Isso me leva a pensar que a situação podia ser semelhante à de Jesus com sua gente, que muitas vezes não compreendia suas parábolas e os exemplos de vida, o traiu e subtraiu-se, inclusive, à perspectiva do fracasso da cruz. E Jesus continuou a amá-los e a não se impor, mas deixou que seu sacrifício na Cruz e o Espírito Santo os fizesse converter e crer.

Claramente Francisco desejava (como lembram as Fontes Franciscanas no n. 1919) experimentar ao mesmo tempo o imenso sofrimento de Jesus na cruz e o amor experimentado naquela situação (poderíamos dizer como unidade completa e partilha de todo tipo de sofrimento no mundo, assim ontem como hoje). A intensidade do amor vivido por Francisco foi como o fogo. A imagem, de fato, é a de um Serafim que “queima” no seu corpo os sinais da paixão que deixam Francisco num estado de alegria e êxtase, como aquele de alguns místicos de todos os tempos. No fim, ele dirá a seus frades que, para ir ao Pai seguindo as pegadas do Filho, eles (nós) deveriam se purificar, ser iluminados e queimados pelo fogo do Espírito Santo. E, posso acrescentar depois da reflexão precedente, que neste encontro de amor ardente e de identificação com Cristo, Francisco soube sacrificar a si mesmo e parte de sua inspiração amando seus irmãos, embora eles não o seguissem do modo como ele a havia concebido na origem testemunhando, nisso também, o modelo de Jesus que acaba na cruz, traído e abandonado pela sua gente. Concretamente, Francisco abraçou mais uma vez a fragilidade da cruz e o que aconteceu não foi o desaparecimento de seu sofrimento físico ou relacional, mas a imersão no amor deles, identificando-se até o fundo com quem ele havia decidido de seguir, Cristo.

Enquanto cristãos, em particular enquanto Franciscanos, nós oferecemos nossa vida completamente a Deus: alegrias e dores, tempos bons e maus, vida e morte. Eu experimentei que circunstâncias humanamente “negativas”, vividas na fé, podem ser grandes veículos de graça que me purificam e me unem ao Senhor crucificado. Eu acredito que tudo me fala de Deus, então, na dor ou na fragilidade, nas dores e nas dificuldades se (depois de ter tentado

os caminhos possíveis para resolver aqueles problemas!) eu me entrego a Ele, eu vivo aquelas situações como instrumentos poderosos para crescer, ver outras perspectivas, ser livre de escolher modos alternativos de reagir, experimentar a proximidade de Cristo, tornar-me mais sensível ao sofrimento do próximo.

E, ainda, em relação aos outros, enquanto irmão TOR sou chamado a curar as feridas, a enfaixar os que estão feridos e a recuperar os que erraram: eu vivo isso com um sentimento profundo de realização e gratidão, como “curador ferido” que pode manifestar proximidade a quem sofre, porque eu vivi no passado, e estou vivendo atualmente, sofrimentos que podem curar, unificar, santificar.



CHAGAS, DORES E SOFRIMENTO: DE FRANCISCO AO MUNDO DE HOJE

Carlos Eduardo Cardozo

*Diretor pedagógico da Rede Filhas de Jesus.
Membro da Comissão Teológica, responsável
pela redação do texto base do III Ano Vocacional
no Brasil*

Original: Português



Francisco, o santo universal, é conhecido, dentro e fora do cristianismo, desde os anos de sua vida, no começo do século XIII, até nossos dias, como uma das mais perfeitas encarnações do ideal cristão. A razão de tal reconhecimento é simples. O *Poverello* de Assis reflete em sua pessoa, em sua vida, a pessoa e a vida de Jesus a quem segue radicalmente. Inaugura uma forma de vida cristã plenamente às necessidades e às aspirações mais profundas da sociedade de seu tempo.

O segredo do êxito da originalidade mística de Francisco, como encarnação do Evangelho, está em ter encontrado o centro em torno do qual se articulam diferentes elementos. É este centro que o Evangelho de São João sublinha de maneira inequívoca: “Ora, a vida eterna é que eles te conheçam a ti, o único verdadeiro Deus, e àquele que enviaste, Jesus Cristo” (Jo 17,3). O segredo do atrativo da novidade da mística de Francisco é ter realizado uma forma particularmente fiel e adaptada às necessidades de seu tempo da experiência cristã de Deus.

A prática de Francisco animou e anima aqueles e aquelas que disponibilizam suas vidas sob o sopro do Espírito Santo, no seguimento radical de Jesus Cristo. A ternura de Francisco se mostra especialmente nos relacionamentos humanos. Rompe a rigidez da hierarquia feudal e chama a todos de irmãos e irmãs. Ele mesmo se deixa chamar de irmãozinho (*fratello*) (cf. JJ 17). Ternura particular dedica aos pobres e aos mais pobres entre os pobres, os leprosos. As biografias são unânimes em afirmar que sua primeira conversão foi para os pobres e crucificados e a partir daí para o Cristo pobre, o Crucificado.

Francisco é profundamente devoto da cruz de Cristo e de sua paixão. Conta-nos Celano, grande biógrafo de Francisco: “a humildade da encarnação e a caridade da paixão ocupavam sua memória de maneira toda especial e de tal forma que dificilmente queria pensar em outra coisa” (1Cel 84). A paixão do Senhor é uma das dimensões cristológicas que mais intensamente é vivida pela mística de Francisco, diz respeito ao sofrimento e ao modo como ele procurou identificar-se com Cristo através do sofrimento. Nessa ânsia de identificação, Francisco deixa-se sacrificar pelo mistério da paixão do Senhor.

Depois de sua conversão ele começa uma caminhada de penitência, jejum e oração demonstrando o desejo ardente de unir-se a Cristo Jesus, o “Amor não amado”. As penitências feitas por Francisco, na maioria das vezes, eram radicais ao ponto de levar seu corpo a sentir grandes incômodos como nos narra Celano: “Se tinha alguma tentação da carne, como acontece, mergulhava durante o inverno num buraco cheio de gelo e lá ficava até passar toda rebelião da carne.” (42,8)

Francisco sempre negava o conforto de uma cama, dormindo na terra nua e usando uma pedra ou um pedaço de madeira como travesseiro. Em vários momentos o *poverello* se privava de alimentos por um longo período de tempo chegando a comer, entre o período de quarenta dias, a metade de um pão. Esses poucos gestos demonstram o excessivo amor de Francisco para com o seu Amado. Para muitos, esses atos de extrema penitência são considerados loucuras, mas, para ele, são pequenos gestos de amor movido pelo desejo de completar o “sofrimento que faltou na paixão de Cristo”.

Partir de Francisco às chagas do mundo atual

Os momentos de desolação que hoje ferem o mundo são inúmeros, como denuncia o Papa Francisco. A pandemia da Covid-19 vivida em 2020 acirrou as consequências das desigualdades sociais, somando-se aos problemas já existentes. Hoje, a experiência de Francisco no monte Alverne é atual e inspiradora. Diante de um mundo ferido, aprendemos a contemplar tantas dores e sofrimento. A humanidade ferida clama por justiça. São tantas chagas abertas que carecem de um olhar misericordioso e transformador.

Miséria, violência e exclusão estão definitivamente instadas no campo social. Basta circular por qualquer metrópole do mundo para encontrarmos a cada esquina, em todos os lugares públicos, homens, mulheres e crianças miseráveis mendigando por um pouco de comida, quando não partindo para a agressão para conseguir sua dose de crack. Violência da sociedade contra eles, violência deles contra a sociedade.

A questão dos migrantes e refugiados tem tido grande relevância nos últimos anos no cenário internacional pela expressiva dimensão de seus fluxos, pelo desrespeito à dignidade humana e pela crescente violência na sua contenção, apesar da sua condição de extrema vulnerabilidade. Ao longo da história, fatores como conflitos e perseguições provocaram migrações forçadas, mas na contemporaneidade a multiplicidade de fatores envolvidos na formação dos deslocamentos forçados torna complexa a realidade dos refugiados.

No mundo atual, outra forma de dor é o feminicídio, a morte violenta de uma mulher pela sua condição de gênero - esta é sua definição mais abrangente. Discutir sobre as mortes de mulheres é tarefa de ordem teórico-prática bastante complexa, na medida em que são tantas as singularidades frente à letalidade da violência de gênero, que o terreno de análise torna-se instável, mas imprescindivelmente necessário percorrer.

Uma chaga aberta é estar e viver em um mundo em guerras. “A terra ainda treme e o povo ucraniano chora”, disse O Papa Francisco em sua última mensagem o Arcebispo-mor da Igreja greco-católica ucraniana. “Diante de todos os cenários de guerra do nosso tempo, peço a cada um para ser construtor da paz e para rezar a fim de que no mundo se espalhem pensamentos e projetos de harmonia e reconciliação. Hoje, estamos vivendo uma guerra mundial, paremos, por favor!”



Diante de um mundo que avança na tecnologia muito rapidamente, ainda acompanhamos um mundo ferido e perdido diante da Terra. Mudanças climáticas provocando aquecimento global, crise ecológica, incêndios devastadores em todo o mundo, aquecimento dos oceanos. “Expostos à crise climática, os pobres sentem ainda mais gravemente o impacto da seca, inundações, furacões e ondas de calor cada vez mais intensas e frequentes”, disse Francisco.

A esperança nasce e lança as suas raízes em muitas chagas humanas, em muitos sofrimentos e aquele momento de dor, de chaga, de sofrimento. Com São Francisco nós somos convidados a meditar a paixão do Cristo Jesus nas chagas e dores do mundo atual. Sua entrega total à vontade do Pai e total entrega na cruz foram para mostrar a todos nós que a morte já não tem mais poder, pois o Filho de Deus nos trouxe, de uma vez por todas, a redenção de todo o gênero humano. Com São Francisco, o irmão universal, somos convidados a dizer como ele mesmo repetia e chorava entre os bosques de Assis: “Meu Deus e meu Tudo”.

Referências Bibliográficas

BOFF, L., São Francisco de Assis: Ternura e Vigor. Petrópolis: Vozes, 1981.

ENGLEBERT, O. Vida de São Francisco de Assis. Porto Alegre: EST, 2004.

VELASCO, J. M. Doze místicos cristãos. Experiência de fé e oração. Petrópolis: Vozes, 2003.



Questões para a Reflexão

"Cristo, São Francisco e o Significado do Sofrimento no nosso Mundo Moderno"

1. Irmã Ilia Delio afirma em seu artigo: "Se o amor é nossa realidade mais profunda, então por que sofremos?" Ela afirma ainda: "Francisco aceitou o sofrimento como uma oportunidade de crescimento". Em sua vida, quando você passou por grandes sofrimentos que mais tarde revelaram-se oportunidades de crescimento interior?
2. "A liberdade de amor em meio ao sofrimento é uma questão de fé". Ao longo dos muitos anos de ministério dedicado aos que sofrem muito, devido às circunstâncias que a vida lhes oferece, você pode se lembrar de momentos em que o sofrimento dos outros e a maneira como eles o enfrentaram foi, para você, testemunho do mistério do amor de Deus no povo de Deus?
3. Irmão Paolo comparou a consciência que vem do sofrimento com o processo natural do crescimento de uma pérola dentro de uma concha "ferida". O que em sua vida atuou como um "irritante" para sua vida que depois "se transformou" em pérola para você? O que o ajudou neste processo?
4. Em seu artigo, o Dr. Carlos Eduardo Cardozo fala das feridas da nossa sociedade atual incluindo as muitas injustiças: guerras entre as nações, divisões dentro das nações e da Igreja, preconceitos, pobreza crescente, abuso do meio ambiente, intolerância para com imigrantes e refugiados e a lista poderia continuar. Apesar de todas estas injustiças, Papa Francisco em seu discurso aos jovens na Jornada Mundial da Juventude disse a eles e a todos nós para sermos pessoas de esperança. Enquanto sequazes de São Francisco neste estilo de vida da Ordem Terceira, como podemos ser um farol de esperança em meio a um mundo sofredor?

Para o próximo Propositum, solicitamos suas reflexões sobre este tema respondendo a uma ou várias das perguntas listadas acima ou, então, com uma sua reflexão a partir destes artigos.





Propositum é um periódico de história franciscana e espiritualidade da Terceira Ordem Regular publicado pela Conferência Franciscana Internacional dos Irmãos e Irmãs da Terceira Ordem Regular de São Francisco · CFI-TOR.

Propositum recebe seu nome e inspiração do "*Franciscanum Vitae Propositum*", a carta Apostólica de 8 de dezembro de 1982, na qual Sua Santidade o Papa João Paulo II aprovou e promulgou a Regra e Vida revisada dos Irmãos e das Irmãs da Terceira Ordem Regular de S. Francisco. A revista é publicada em Inglês, Francês, Alemão, Italiano, Espanhol e Português.

O arquivo completo das publicações de Propositum está disponível em
www.ifc-tor.org/pt-br/propositum